



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

Características e prevalência do fenómeno do *Bullying*
nos alunos do 3º ciclo, a frequentar escolas públicas e
privadas.

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia da
Educação**

Mariana Alves de Sousa

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

DEZEMBRO 2017



CATÓLICA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

Características e prevalência do fenómeno do *Bullying*
nos alunos do 3º ciclo, a frequentar escolas públicas e
privadas.

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia da
Educação**

Mariana Alves de Sousa

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora **Ângela Maria
Pereira e Sá Azevedo**

Resumo

O *bullying* está muito frequente nas escolas portuguesas. O relatório anual da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) revela que foram registados 116 crimes de *bullying* em Portugal em 2016. Assim, é importante preveni-lo, sendo imprescindível investigá-lo de forma aprofundada. O presente estudo tem como objetivo analisar se o fenómeno do *bullying* se manifesta de forma diferente numa escola pública ou privada, em alunos do 3ºciclo. Pretende-se ainda analisar se o *bullying* varia tendo em conta as seguintes variáveis: género, idade, escolaridade, autoestima, número de amigos e local de ocorrência. A amostra é constituída por 248 alunos do 3ºciclo, de duas escolas (uma pública e uma privada). Foram utilizados três instrumentos: Questionário Sócio demográfico, o, Questionário p/a o estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico (Freire, Simão & Ferreira, 2005) e a Escala de Autoestima de Rosenberg (Santos Maia, 2003). Não foram encontradas diferenças entre a escola pública e a privada relativamente à incidência da vitimização e dos tipos de *bullying*. Para além disso, concluiu-se que o *bullying* não varia tendo em conta o género, idade, escolaridade, autoestima e o número de amigos. Verifica-se uma tendência para a diminuição da vitimização à medida que a idade aumenta; para o aumento de amigos à medida que a agressão aumenta; e para a diminuição da autoestima à medida que a vitimização aumenta. Por último, importa realçar que o recreio é o local onde mais ocorrem comportamentos de *bullying*.

Palavras-chave: *bullying*, escola pública e escola privada, vitimização, 3ºciclo.

Abstract

Bullying is very frequent in Portuguese schools. The annual Portuguese Association of victim support (APAV) report reveals that 116 crimes of bullying have been registered in Portugal in 2016. Therefore, it is important to prevent it, and it is crucial to deeply investigate it. This study intends to analyze if the phenomenon of bullying manifests itself differently in public or private schools, in middle school students. It is intended to analyze if bullying varies considering the following variables: gender, age, schooling, self-esteem, number of friends and place of occurrence. The sample is constituted by 248 Middle School students from two schools (a public school and a private school). Three instruments have been used: a socio- demographic questionnaire, the Questionnaire for the study of violence among pairs in elementary school (Freire, Simão & Ferreira, 2005) and Rosenberg's Self Esteem Scale (Santos Maia, 2003).. Differences between public and private schools haven't been found in what refers to the occurrence of victimization and the types of bullying. Furthermore, it has been concluded that bullying doesn't vary according to gender, age, schooling, self esteem and the number of friends. There is a tendency for the decrease of victimization with increasing age, for the increase of friends while the aggression increases and for the decrease of self esteem while victimization increases. Finally, it should be noted that it is the playground where more bullying cases occur.

Keywords: bullying, public school and private school, victimization, middle school.

Índice

Resumo.....	1
Introdução.....	4
Definição de bullying.....	6
Diferentes formas e tipos de <i>bullying</i>	7
Características da vítima, agressor e comportamento da testemunha.....	8
Estudos realizados com variáveis sociodemográficas e o <i>bullying</i>	9
Diferenças de género nos comportamentos de <i>bullying</i>	10
<i>Bullying</i> e Idade.....	11
<i>Bullying</i> e escolaridade.....	12
Local onde ocorre o <i>bullying</i>	13
<i>Bullying</i> nas escolas públicas e privadas.....	13
Metodologia.....	15
Objetivos do estudo.....	15
Variáveis estudadas.....	15
Hipóteses de estudo.....	15
Constituição da amostra.....	16
Instrumentos utilizados.....	16
Análise dos Dados.....	18
Apresentação e Discussão dos Resultados.....	19
Conclusão.....	24
Referências Bibliográficas.....	27

Índice de Anexos

Anexo I – Questionário Sócio demográfico

Anexo II – Questionário p/a o estudo da violência entre pares no 3ºciclo do ensino básico

Anexo III – Escala de Autoestima de Rosenberg

Introdução

O presente estudo tem como foco o *bullying*. Nos dias de hoje, a violência é um problema amplamente observável nas escolas. Situações de violência entre as crianças/adolescentes são cada vez mais visíveis, o que levou a que a sociedade se interessasse, cada vez mais, por este fenómeno. Para Santos, Cabral-Xavier, Paiva e Leite Cavalcanti (2014), o *bullying* pode levar a consequências graves nos alunos envolvidos, sendo esta a razão da amplitude dos estudos neste âmbito. Essas consequências não afetam apenas a vítima de *bullying*, mas também a testemunha e o agressor (João, 2008). As vítimas poderão ficar com uma baixa autoestima (Batsche & Knoff, 1994; João, 2008), apresentar dificuldades em estabelecer novas relações de confiança, evidenciar tendências depressivas, falta de concentração, falta de confiança em si próprio, agressividade, dificuldade em estabelecer relações sociais (João, 2008), *stress*, abuso de drogas e álcool (Martins & Chicote, 2009), dores de cabeça, dores de estômago, enurese, problemas de sono, tonturas, dores musculares (Spriggs, Iannotti, Nansel & Haynie, 2007), sentir ineficácia social, dificuldades de relacionamento interpessoal (Campbell, 2004), dificuldades sentimentais como o medo, solidão, ansiedade, depressão, ideação suicida e mesmo tentação de suicídio (Batsche & Knoff, 1994). Relativamente aos agressores, Ballone (2008) e Olweus (1997) afirmam que os alunos agressores têm uma forte probabilidade de, em adultos, apresentarem comportamentos antissociais, psicopáticos e/ou violentos, podendo mesmo por engajar em comportamentos delinquentes ou criminosos. Segundo Melim (2011) tem sido mencionado que os agressores tendem para o consumo excessivo de álcool e drogas e poderão ser mais propensos a sintomas psiquiátricos que se manifestam posteriormente na sua vida, a ter dificuldades com regras e um parco ajustamento escolar. No que concerne às testemunhas, Chicote e Martins (2009), defendem que estas podem apresentar dois tipos de comportamentos. Se por um lado o expectador pode sentir-se intimidado, inseguro e indefeso, sofrer em silêncio, sentir medo de ir à escola, ficar ansioso e ficar com a aprendizagem prejudicada; por outro pode acreditar que é bom praticar *bullying* e, muitas vezes, adotar os mesmos comportamentos. Posto isto, torna-se pertinente a realização de estudos neste âmbito, para que se consiga alertar a comunidade escolar e as famílias para a importância da prevenção de comportamentos de *bullying*, dado o impacto significativo que este pode ter na vida dos envolvidos.

O fenómeno do *bullying* nas escolas existe há muito tempo, porém as investigações realizadas de forma sistemática acerca deste tema só surgiram na década

de 1970 (Olweus, 2003). Em 1982, na Noruega, três meninos com idades entre os 10 e 14 anos suicidaram-se devido ao assédio provocado pelos seus pares. Dado este acontecimento, Dan Olweus, um pesquisador norueguês, que já estudava este fenómeno desde a década de 70, investiu a sua atenção na investigação da frequência e causas que levavam a comportamentos de *bullying*. Assim iniciou uma investigação com 84 mil estudantes, cerca de 400 professores e aproximadamente 1000 pais de alunos. Olweus constatou que um em cada sete alunos estava envolvido em comportamentos de *bullying*, como agressor ou vítima. Este resultado levou a que o pesquisador iniciasse uma campanha nacional contra o *bullying*, com o apoio do governo norueguês, o que mobilizou a sociedade. Esta campanha/programa reduziu a ocorrência de *bullying* em 50%, o que incentivou vários países, inclusive Portugal, a adotar práticas idênticas (Olweus, 2006 cit in. Silva, Dascanio & Vale, 2016). Assim, os estudos acerca do fenómeno *bullying* ganharam força nas décadas de 1980 e 1990 (Olweus, 2003).

O Relatório das Nações Unidas para a Infância, *Hidden in plain sight*, num estudo a nível mundial, englobando 190 países, incluindo Portugal, demonstra que mais de um em cada três alunos, com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos, passam regularmente por, pelo menos, uma experiência de *bullying*. Carvalhosa (2007) destaca que 23.5% dos alunos portugueses, com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos, estão envolvidos em comportamentos de *bullying*, 2 a 3 vezes por mês ou mais. A APAV, no seu relatório anual de 2016, revela que, dos 21.315 crimes registados e outras formas de violência, 0,5% foram de *bullying* (116). Tendo em conta os dados acima referidos torna-se pertinente e necessário intervir neste âmbito, de modo a minimizar os comportamentos de *bullying*.

Em Portugal têm sido realizados vários estudos sobre o *bullying*, sendo que estes abrangem aspetos como a tradução da palavra *bullying*, tendo sido esta palavra adotada para o contexto português, a observação dos comportamentos de *bullying* nos recreios, a caracterização das vítimas, dos agressores e das vítimas-agressoras, a prevalência deste tipo de comportamentos e a sua monitorização a nível nacional (Carvalhos, (2007). Dado as consequências a curto e longo prazo, previamente referidas, que o *bullying* pode ter, os estudos surgem direcionados para a vítima.

Tendo em conta a prevalência de comportamentos de *bullying* em Portugal urge a necessidade da realização de estudos que se direcionem para a caracterização deste fenómeno, de modo a conseguir intervir de forma mais adequada possível, com o objetivo de os minimizar. Em Portugal são muitos os pais que preferem que os filhos

frequentem uma escola privada, justificando esse facto pelo maior acompanhamento existente nas escolas privadas. Existe a crença de que os alunos nas escolas privadas são mais vigiados, havendo menor probabilidade de terem comportamentos desadequados. Existe ainda a ideia de que apenas frequentam escolas privadas alunos com boas condições financeiras, o que nem sempre acontece nas escolas públicas. Por esta razão, considera-se pertinente a comparação da prevalência dos comportamentos de *bullying* entre escolas públicas e escolas privadas, de modo a verificar se de facto, existe algum padrão relativo ao envolvimento em diferentes formas de *bullying*.

Definição de *Bullying*

Lourenço, Pereira, Paiva e Gebara (2009) afirmam que tem havido uma preocupação crescente nas últimas duas décadas em relação à violência escolar. O termo violência escolar refere-se a todos os comportamentos agressivos e antissociais, envolvendo os conflitos interpessoais, danos ao património e atos criminosos ocorridos no ambiente escolar (Lopes Neto, 2005; Silva, Oliveira, Bandeira e Sousa, 2012). Muitas dessas situações de violência estão dependentes de fatores externos, ou seja, o comportamento violento emerge da interação entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais, como a família, a escola e a comunidade (Lopes Neto, 2005).

O *bullying* é um problema mundial, sendo um fenómeno existente em toda e qualquer escola (ciclos de formação diferenciados, pública, privada, rural, urbana, em qualquer país) (Ballone, 2008). Consiste numa forma de agressão entre pares que ocorre, neste caso, em contexto escolar ou ambientes circundantes, de forma continuada, sistemática, regular (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 2015), intencional (Forlim, Stelko-Peteira & William, 2014; Perce & Thompson, 1998), sem ameaça ou afronta por parte da vítima, ou seja, sem razões justificáveis (Olweus, 2003; Perce & Thompson, 1998) e com o objetivo de tentar causar danos, ou mal-estar, a outra pessoa (Forlim, Stelko-Peteira & William, 2014).

O termo *bullying* só pode ser utilizado quando há um desequilíbrio nas forças envolvidas, ou seja, é necessário que exista uma relação desigual de poder (Melim, 2011; Santos, Grossi & Scherer, 2014; Olweus, 2003).

Lopes Neto (2005) defende que esses comportamentos agressivos são tradicionalmente admitidos como naturais, sendo desvalorizados tanto por professores como pelos pais. Esta desvalorização por parte dos professores e pais é preocupante, uma vez que o *bullying* gera consequências negativas tanto nos agressores, como nas

vítimas e nas testemunhas dessas situações de violência. Assim, é importante alertar os pais e os profissionais de educação para a importância da sua intervenção face aos comportamentos de *bullying*.

Diferentes formas e tipos de *bullying*

O *bullying* pode ser classificado consoante a sua forma e tipo. No que concerne à forma, o *bullying* pode ser realizado de forma direta e de forma indireta. Como *bullying* direto existem os apelidos, as ameaças, os roubos, as agressões físicas, as ofensas verbais e gestos que originam mal-estar à vítima. O *bullying* indireto envolve atitudes como isolamento, indiferença, difamação e negação aos desejos. (João, 2008; Perce & Thompson, 1998).

Relativamente ao tipo, existem divergências entre os autores. De acordo com Carvalhosa (2007) e Forlim, Stelko-Pereira e William (2014), o *bullying* pode ser físico, verbal/psicológico e/ou sexual. Por outro lado, Martins e Chicote (2009) não consideram o *bullying* sexual, acrescentando o *bullying* social. João (2008) refere que o *bullying* pode ser de vários tipos: físico (empurrões, murros, pontapés, ataques à prioridade, agressões com objetos), verbal (alcanhas, o insultar, o ridicularizar, comentários racistas, desconsideração em público, salientar ou mencionar constantemente defeito físico ou uma ação), psicológico (ações que visam a destruição da autoestima e a criação de insegurança e medo), social (propagação de informações de carácter denegridor e humilhante, levando à exclusão e isolamento do grupo) e sexual (engloba a ameaça e violação). Santos, Grossi e Scherer (2014), aos tipos de manifestação do *bullying* acima mencionadas acrescentam o *cyberbullying*, que consiste num *bullying* realizado de forma virtual, por meio de ferramentas tecnológicas (telemóveis, internet, redes sociais, entre outras). Para além dos tipos de *bullying* referidos, existe ainda outro tipo de violência que pode ocorrer entre os alunos, designada por *stalking*. O *stalking* consiste numa perseguição obsessiva, com ou sem contacto pessoal com a vítima. Inclui comportamentos como seguir a vítima nas suas deslocações, procurando obter informação pessoal e particular acerca da mesma. Trata-se de um comportamento complexo, difícil de investigar, de perseguir e de identificar, envolvendo a perseguição intencional, maliciosa e repetida, ou seja, o assédio, de outra pessoa (Meloy, 1998, cit in. Carvalho, 2010).

É importante referir que a vítima poderá sofrer de vários tipos de *bullying* em simultâneo, e não necessariamente de forma isolada.

Tendo em conta os objetivos do estudo e o instrumento utilizado, o presente estudo assume o *bullying* como podendo ser físico ou psicológico.

Características da vítima, agressor e comportamento da testemunha

De acordo com Lourenço e col. (2009) nos comportamentos de violência estão envolvidos vários intervenientes, tais como: o agressor, o agredido, o grupo de colegas, a própria instituição (professores, gestores escolares) e as famílias (a do agressor, a da vítima e os pais, em geral).

Lopes Neto (2007) afirma que os comportamentos agressivos são comuns em todas as escolas, tratando-se de um fenómeno social. Assim, cada estudante desempenha o seu papel, que pode ser: autor (agressor), alvo (vítima), alvo-autor (agressor e vítima) e testemunha ou observador. Ballone e Moura (2005) não consideram o alvo-autor.

No presente estudo são considerados três papéis: as vítimas, os agressores e os espectadores/testemunhas.

As vítimas são os alunos que sofrem com a violência, que suportam o comportamento agressivo dos colegas e não possuem recursos ou habilidades para se defenderem (João, 2008; Perce & Thompson, 1998). São discriminadas por apresentarem algumas diferenças (excesso ou ausência de peso, lenta, negra, deficiência física, alta, sotaque diferente, tirar boas/fracas notas, entre outras), são passivos, retraídos, infelizes e sofrem com a vergonha, medo, depressão e ansiedade (Perce & Thompson, 1998), angústia, temor e tristeza (Martins & Chicote, 2009).

Smith (2004) e Lopes Neto (2005) defendem que os alvos de *bullying* podem ser ansiosos, mais fracos física e emocionalmente, com tendência para apresentar atitudes negativas diante dos atos violentos, quer por não reagirem, quer por se isolarem ou por reações que demonstrem fragilidade, imaturidade ou insegurança. Para além disto, as vítimas têm poucos amigos, ou mesmo nenhuns, as amizades são pouco duradouras, têm poucas habilidades verbais para responder a insultos e são bastante tímidas (Carlos, 2015); evidenciam baixa autoestima, rejeição ou baixa aceitação por parte dos pares, não demonstrando prazer em ir para a escola, são pouco sociáveis e não têm esperança no que concerne à possibilidade de adequação ao grupo (Perce & Thompson, 1998).

No que concerne aos agressores, estes são alunos que não desenvolveram competências críticas de relacionamento, sendo jovens com problemas emocionais ou com problemas de aprendizagem que se sentem impotentes para resolver problemas de

natureza relacional (Melim, 2011), que implicam frequentemente com os outros, ou que batem, arrelham ou lhes fazem coisas desagradáveis sem razão justificável (Boulton & Smith, 1994). São alunos que sentem necessidade de dominar e vencer para se sentirem seguros, são pouco tolerantes à frustração, pouco persistentes, sem perspectivas de futuro (Melim, 2011), sentem-se infelizes na escola (Pereira, 2008; cit in. Carvalhosa, Lima & Matos, 2001), são impulsivos (Carlos, 2015) e apresentam uma maior probabilidade de optarem por comportamentos de risco para a saúde, como fumar, beber álcool em excesso e consumir drogas (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001). Apesar de não serem bem aceites pelos colegas, os agressores apresentam um maior número de amigos do que as vítimas, particularmente devido à sua popularidade entre os outros jovens igualmente agressivos (Perce & Thompson, 1998). Martins & Chicote (2009) reforçam esta ideia, enfatizando que o agressor é caracteristicamente popular. O agressor tem tendência para o envolvimento em comportamentos antissociais, é impulsivo, considera a sua agressividade como qualidade, tem opiniões positivas acerca de si próprio, por norma é mais forte que o seu alvo (vítima), pode mostrar-se agressivo, não só com os pares, como também com os adultos e vê o ato de dominar, controlar e causar dano e sofrimento ao outro com prazer e satisfação (Perce & Thompson 1998), sendo ele quem lidera o seu grupo (Martins & Chicote, 2009).

Relativamente às testemunhas e de acordo com Ballone (2008) estas são os alunos que assistem às situações de *bullying* sem interferir. No entanto, Martins (2005^a) afirma que a testemunha pode assumir diversas condutas ao ver-se confrontado com situações de *bullying*: ajudar a vítima, apoiar os agressores ou não interferir, ignorando a situação. Esta última situação, assumida por Ballone (2008), pode ser explicada por duas razões: por ser uma situação que causa medo e insegurança, consequentemente o estudante sente receio de sofrer represálias, ou, por outro lado, por sentir prazer ao assistir à vitimização não tendo coragem para assumir o papel de agressor. As testemunhas que não interferem por medo, podem sentir-se incomodados com a situação e com a incapacidade de agirem perante tal situação.

Estudos realizados com variáveis sociodemográficas e o *bullying*

De seguida encontram-se os estudos realizados com as variáveis de estudo (género, idade, escolaridade, local de ocorrência de *bullying*, tipo de escola) e o *bullying*.

Diferenças de género nos comportamentos de *bullying*

As diferenças de género têm sido muito estudadas no que diz respeito aos comportamentos de *bullying*.

Os estudos realizados neste âmbito procuram analisar, não só possíveis diferenças de género relativamente ao envolvimento nos diferentes comportamentos de *bullying*, como também diferenças de género no tipo e forma de agressão utilizados.

No que concerne à participação dos estudantes em comportamentos de *bullying*, num estudo realizado por Due, Holstein, Lynch, Diderichsen, Gabhain, & Scheidt (2005) cujo objetivo recaiu sobre a análise da existência de uma associação entre o *bullying* e sintomas físicos e psicológicos em 123,227 estudantes, com idades de 11, 13 e 15 anos, de 28 países, foi possível observar que os rapazes apresentam mais comportamentos de *bullying*, tanto como agressores como vítimas. Santos e col. (2014), realizaram um estudo no Brasil com o objetivo de verificar a prevalência e os tipos de *bullying* em alunos brasileiros com idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos. Estes autores concluíram que os meninos eram maioritariamente vítimas. Também no Brasil, num estudo realizado por Silva, Dascanio e Valle (2016) cujo objetivo incidia na identificação dos tipos de *bullying* (físico, verbal, psicológico, material, virtual ou sexual) mais prevalentes em duas escolas, onde participaram 309 alunos, 142 do sexo masculino e 167 do sexo feminino, do 6º ao 8º ano de escolaridade, as vítimas eram maioritariamente do sexo feminino, em todos os tipos de *bullying*, no entanto não existiam diferenças estatisticamente significativas.

Relativamente à forma como os estudantes se envolvem nos diferentes tipos e formas de *bullying* foram detetadas algumas diferenças. O *bullying* direto é mais frequente entre os rapazes (agressões físicas e verbais) e o *bullying* indireto mais frequente nas raparigas (levantamento de boatos, exclusão social, humilhações) (Smith, 2004; Perce & Thompson, 1998; Lourenço e col. 2009). Smith (2004) menciona que no sexo masculino é mais frequente o *bullying* físico. No que diz respeito ao *bullying* verbal não existem diferenças entre os géneros, apesar de a difamação ser mais frequente entre as raparigas, há uma equivalência entre ambos os sexos.

Melim (2011) defende a existência de crenças que levantam questões acerca da possibilidade das diferenças relacionadas com o género serem ou não reais. Para este autor, existe uma figura estereotipada de um rapaz fisicamente capacitado a agredir um colega mais fraco e de uma rapariga que recorre a mexericos, boatos e falsidades de forma a vitimizar uma colega menos popular. Na opinião de Seixas (2009), as

diferenças entre os comportamentos de *bullying* em relação ao género existem devido ao facto das meninas adquirirem competências sociais de empatia e reconhecimento de vozes e rosto desde muito pequenas e as suas brincadeiras (bonecas, casinhas,...) estarem relacionadas com as interações sociais e verbais. Por outro lado, os meninos escolhem e aprendem culturalmente brincadeiras físicas e mecânicas (lutas, bola, carrinhos).

No estudo realizado por Santos e colaboradores (2014) no Brasil, os resultados indicaram que os meninos sofrem maioritariamente de violência física, sendo que as meninas são maioritariamente vítimas de violência verbal e exclusão social. Silva, Dascanio e Valle (2016), num estudo realizado também no Brasil, concluíram que as meninas eram maioritariamente vítimas de *bullying* indireto e direto (físico). No entanto, no que concerne ao *bullying* físico, as diferenças não eram estatisticamente significativas.

De acordo com Carvalhosa (2007), em Portugal são os rapazes, não só quem mais referem serem vítimas de *bullying*, como também agressores/provocadores nas escolas.

***Bullying* e Idade**

A idade é uma variável sociodemográfica amplamente estudada nas questões do *bullying*. Torna-se importante perceber em que idade são mais frequentes os comportamentos de *bullying*, para que seja possível uma intervenção precoce mais eficaz.

Pepler, Craig, Jiang e Connolly (2008) referem que o *bullying* pode iniciar-se na infância (ensino primário) e persistir durante todo o percurso escolar da criança. No entanto acentua-se nos anos em que ocorre a transição de ciclo ou de escola, mudando de acordo com a maturação dos jovens.

Lopes Neto (2007) admite que o papel de vítima é frequentemente observado em crianças, afirmando que a vitimização está mais patente nos mais novos. Smith (2010) concorda, referindo que a incidência da vitimização decresce com o aumento da idade. Silva e colaboradores (2012), num estudo realizado no Brasil, não encontraram associação quando avaliaram ambos os géneros onde se pretendia estudar a “violência entre pares”. No entanto, ao avaliar por género, concluíram que, no género masculino o índice de vitimização decresce com o aumento de idade, não existindo associação

relativamente ao género masculino e ao papel de agressor. No que concerne ao sexo feminino, não foram encontradas associações.

Em Portugal, Carvalhosa, Lima e Matos (2002), num estudo realizado com 6.903 alunos do 6º, 8º e 10º ano de escolaridade, de 191 escolas, concluíram que os alunos mais novos são com mais frequência vítimas, sendo que a frequência com que estes sofrem de *bullying* diminui à medida que aumenta a idade. Os resultados obtidos por um estudo realizado por Gonçalves (2009), também este em Portugal, com 257 sujeitos de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 10 e os 16 anos, permitiram verificar também que o *bullying* diminui com o aumento da idade.

***Bullying* e escolaridade**

Importa também estudar a relação existente entre a escolaridade dos alunos e o envolvimento nos comportamentos de *bullying*. Assim, são vários os autores que estudam esta possível relação.

Martins (2005), num estudo transversal realizado em Espanha, concluiu que existe uma diminuição da vitimização à medida que o ano de escolaridade aumenta, ou seja, ocorre um decréscimo da vitimização com o nível de escolaridade. O mesmo acontece com a agressão, cujos dados indicam que estes comportamentos decrescem à medida que avança o ano de escolaridade. Em Portugal foram realizados vários estudos. Costa, Pinto, Pereira e Pereira (2015), num estudo cujo objetivo foi descrever a prevalência dos comportamentos de *bullying* homofóbico (caracterizado por comportamentos associados ao *bullying* genérico, no entanto, de natureza homofóbica), comparativamente ao *bullying* genérico (agressões físicas, verbais, sexuais, etc, que não envolve homofobia), concluíram que, no que concerne ao segundo (o *bullying* estudado no presente estudo), não existem diferenças estatisticamente significativas entre os três anos de escolaridade estudados (7º, 8º e 9º), no entanto, o 8º ano apresenta-se como o ano em que se registou mais prevalência de comportamentos de *bullying*. Nóbrega (2015) tinha como objetivo analisar a relação entre os comportamentos de *bullying*, o envolvimento parental e o percurso curricular dos alunos, e concluiu que existe uma associação entre a vitimização e a escolaridade, sendo o 8º ano o ano em que mais se evidenciam este tipo de comportamentos. Por outro lado, Neves (2015), num estudo cujo objetivo foi analisar o fenómeno do *bullying*, nomeadamente a identificação dos seus participantes, por meio da construção e validação de um questionário para o efeito, concluiu que existem diferenças estatisticamente significativas tanto nos

comportamentos de vitimização como agressão, sendo o 7º ano de escolaridade onde se evidenciou mais estes comportamentos.

Local onde ocorre o *bullying*

É importante ter conhecimento do local onde ocorrem as situações de violência, para que seja possível intervir de forma a minimizar esses comportamentos. Assim, existem alguns estudos em que esse aspeto é tido em consideração.

Silva e colaboradores (2012), no seu estudo realizado no Brasil, pretendiam analisar a “violência entre pares”, junto de 161 alunos, com idades entre os 12 e 20 anos. Nesse estudo, concluíram que os locais onde mais ocorrem situações de violência são, ordenadamente: o recreio, salas de aula, saída ou entrada da escola, corredores e escadas, espaços de educação física, refeitório e casas de banho. Ainda no Brasil, Zequinão, Medeiros, Pereira e Cardoso (2016), realizaram um estudo que envolveu 409 crianças e adolescentes entre os 8 e os 16 anos, concluindo que o local mais frequente das situações de violência são as salas de aula, seguidas pelo recreio e espaços para Educação Física. Em Portugal, Lourenço e col. (2009) observaram que o local onde mais acontecem agressões é o recreio, estando a sala de aula mencionada como um outro local onde surgem situações de *bullying*. Os resultados do estudo de Adão (2015) do qual participaram 172 alunos portugueses e cujo objetivo incidiu na investigação das formas de *bullying*/vitimização mais frequentes e os locais onde ocorrem, demonstram que o local onde acontecem maioritariamente as situações de agressão é o recreio, seguido da sala de aula.

***Bullying* nas escolas públicas e privadas**

Os comportamentos violentos podem ocorrer em todos os ambientes em que o conflito não é negociado e onde não há tolerância ao diferente (Loureiro & Queiroz, 2005). Assim, apesar de serem contextos diferentes, principalmente no que diz respeito à estrutura física e classe social, poderão emergir comportamentos de violência tanto em escolas públicas como privadas. Desta forma e, devido à escassez de estudos em escolas privadas, considera-se importante estudar este fenómeno nesses dois tipos de escolas.

De acordo com Loureiro e Queiroz (2005), também as ameaças, autoritarismo e a desqualificação do aluno podem acontecer nas escolas privadas. Neste tipo de escolas, a indisciplina e rebeldia, que podem ou não culminar em atos violentos, também existem. Estes autores acreditam que a diferença entre uma escola violenta e não

violenta não se deve ao facto de ser escola pública e privada, mas sim à forma como as regras são estabelecidas, ao sentimento de pertença à comunidade e aos relacionamentos existentes entre as entidades da instituição escolar.

Foram encontrados alguns estudos, cujo objetivo recaiu, não só na investigação de uma possível existência de diferenças na incidência dos comportamentos de *bullying* (agressor, vítima e testemunha) entre escolas públicas e privadas, como também na possibilidade de diferenças existentes entre estes dois tipos de escolas relativamente aos tipos e formas de *bullying*.

Em Espanha, Garaigordobil, Valderrey, Páez, e Cardozo (2015) não encontraram diferenças estatisticamente significativas no que concerne aos comportamentos de vitimização, agressão e observação dos comportamentos de *bullying*. Ou seja, os comportamentos de *bullying* ocorrem de forma semelhante em escolas privadas e públicas. Estes autores realizaram um estudo onde se pretendia analisar diferenças entre o *bullying* “tradicional” e o cyberbullying em escolas públicas, privadas e religiosas. Oliveira e col. (2015), num estudo onde se pretendia identificar as características e os motivos associados ao *bullying* escolar em adolescentes brasileiros, não encontraram diferenças na incidência do *bullying* entre escolas públicas e privadas. Em Portugal, Gomes, Valenzuela, Silva, Portugal, Amorim, Paim, Tanno e Morgado (2006), num estudo cujo objetivo foi alcançar as perceções de adolescentes sobre a violência nas escolas e na comunidade, também não encontraram diferenças, sendo possível verificar que tanto em escolas públicas como em privadas ocorrem comportamentos de violência de carácter físico e verbal. Por outro lado, Félix (2013), no seu estudo com 240 alunos portugueses, cujo objetivo consistia em esboçar as características da prática de *bullying* existente nos alunos do segundo e do terceiro ciclo, em escolas públicas e privadas, concluiu que, no ensino público existe um maior número de vítimas de *bullying* do que no ensino privado.

No que concerne aos tipos e formas de *bullying*, Njaine e Minayo (2003) num estudo qualitativo onde se pretendeu analisar os significados que a violência assume em diferentes contextos sociais e as formas como se manifesta no quotidiano escolar, a partir dos depoimentos de jovens e educadores de escolas públicas e privadas de três municípios brasileiros, concluíram que tanto nas escolas públicas como privadas ocorre violência. No entanto, existem diferenças no tipo de violência que ocorre. Enquanto nas escolas públicas as agressões são maioritariamente físicas e defraudações, nas privadas a maioria dos comportamentos violentos envolvem roubos e humilhações. Félix (2013),

no seu estudo realizado em Portugal, concluiu que no ensino público, as situações de violência mais comuns são as “ofensas verbais” e as “agressões físicas”. No ensino privado são mais frequentes as “ameaças” e as “ofensas verbais”.

Metodologia

Objetivos do estudo

O objetivo geral do presente estudo é analisar se o fenómeno do *bullying* é diferente nas escolas públicas ou privadas, em alunos do 3ºciclo. Como objetivos específicos pretende-se, caracterizar as vítimas no que concerne à autoestima e rede social (número de amigos) e estudar de que forma o *bullying* varia em função das seguintes variáveis sociodemográficas: género, idade, escolaridade e local onde ocorrem os comportamentos violentos.

Variáveis estudadas

Variável Dependente: *bullying*.

Variáveis Independentes: género, idade, escolaridade, tipo de escola, características vítimas (autoestima e número de amigos), local onde ocorre o *bullying*.

Hipóteses de estudo:

- 1ª Os comportamentos de *bullying* estão mais presentes nos rapazes (Due e col. 2005).
- 2ª Os rapazes recorrem mais ao *bullying* físico (Lourenço e col. 2009; Smith, 2004).
- 3ª Espera-se que a vitimização seja mais frequente nos adolescentes mais novos (Smith, 2010; Carvalhosa, Lima & Matos, 2002; Gonçalves, 2009).
- 4ª Espera-se que os comportamentos de vitimização e de agressão diminuam à medida que a escolaridade aumenta (Martins, 2005).
- 5ª Espera-se que não existam diferenças entre a escola pública e a escola privada em relação à incidência da vitimização (Garaigodobil e col. 2015; Oliveira e col. 2015 & Gomes e col. 2006).
- 6ª Espera-se que na escola pública o tipo de *bullying* mais frequente seja o *bullying* físico (Njaine & Minayo, 2003).
- 7ª Espera-se que as vítimas apresentem uma baixa autoestima (Perce & Thompson, 1998).

8ª Espera-se que os agressores tenham mais amigos do que as vítimas (Perce & Thompson, 1998).

9ª Espera-se que o recreio seja o local mais frequente de ocorrência de agressões (Silva e col. 2012; Lourenço e col. 2009; Adão, 2015).

Constituição da amostra

A amostra é constituída por 248 alunos sendo 176 da escola pública e 72 da escola privada, com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos (M=13.48; DP=1.061). Destes alunos, 81 frequentam o 7º ano de escolaridade (32.7%), 90 frequentam o 8º ano (36.3%) e 77 o 9º ano (31.0%). No quadro 1 encontram-se descritas as variáveis sociodemográficas.

Quadro 1. Características sociodemográficas dos participantes em estudo sobre o *bullying* (N=248).

<i>Variável</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
<i>Género</i>		
Feminino	113	53.6
Masculino	115	46.4
<i>Idade</i>		
12	55	22.2
13	66	26.6
14	86	34.7
15	35	14.1
16	6	2.4
<i>Escolaridade</i>		
7	81	32.7
8	90	36.3
9	77	31.0
<i>Escola</i>		
Pública	176	71
Privada	72	29

Instrumentos utilizados

Com o objetivo de recolher alguns dados demográficos considerados pertinentes, recorreu-se a um questionário sócio demográfico (anexo I) composto por 5 questões de resposta direta, referentes a: género, idade, ano de escolaridade, número de amigos,

local de nascimento, nacionalidade e tempo a viver em Portugal. A última questão apresenta-se da seguinte forma: “quantos amigos tens?”, tendo as seguintes opções de resposta: 1) 1 ou 2 amigos; 2) 2 ou 3 amigos; 3) 3 ou 4 amigos; 4) 4 ou 5 amigos; 5) mais de 5 amigos.

Para que fosse possível testar as hipóteses em estudo foram utilizados dois instrumentos: *Questionário p/a o estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico* (anexo II) aferido para a população portuguesa por Freire, Simão e Ferreira (2005) e a *Escala de Autoestima de Rosenberg* (anexo III).

Com o primeiro instrumento, foi possível: a) identificar agressores, vítimas, e observadores frequentes de situações de maus-tratos (*bullying*); b) caracterizar os tipos de agressão/vitimização que ocorrem em situação escolar; c) caracterizar a população, em geral, do ponto de vista estrutural, caracterizar os alunos/agressores, os alunos/vítimas e observadores frequentes de situações de *bullying* (género, idade, nível socioeconómico e cultural da família, percurso escolar, estrutura familiar,..); d) identificar os espaços onde ocorrem as situações de agressão e e) perceber o modo como os alunos vêem a intervenção dos adultos (professores, pessoal auxiliar e órgãos de gestão) e dos seus pares face às situações de *bullying*. Para além desta caracterização das diferentes formas de agressão entre pares, e dos fatores que lhe estão associados, o questionário permite conhecer a perceção dos alunos acerca do ambiente relacional da escola e o modo como estes interpretam e sentem a violência na escola. Esse questionário divide-se em quatro partes: a primeira refere-se a questões de identificação das situações de vitimização e é constituído por 8 questões. A segunda engloba três questões relativas à identificação de situações de observação. A terceira é composta por catorze questões relativas à identificação de situações de agressão. Por fim, a quarta e última parte abarca cinco questões que se direcionam para a autoreflexão do tema. Com a utilização deste questionário pretende-se a identificação de vítimas, testemunhas e agressores. Segundo a autora do instrumento, a mesma não realizou propriamente um estudo psicométrico do instrumento, baseando-se na investigação para definir alguns parâmetros que lhe permitissem distinguir *bullying* de violência ocasional. Para a identificação dos alunos-vítimas e dos agressores de *bullying*, a partir da base de dados, foi realizado um cruzamento da informação de questões para as vítimas - C1 e C6 (ser vítima e frequência das situações de agressão maior ou igual a 3) e para os agressores - E1 e E5 (ser agressor e frequência das situações de agressão maior ou igual a 3). Para além do referido cruzamento, foi observado ainda as respostas às questões C2, C6.1 e

G2 (vítimas) e E1, E2, E5 e G3 (agressores) de forma a corroborar a informação cruzada. De acordo com a autora, este método de cruzamento de variáveis foi utilizado porque esta problemática é difícil de assumir pelos alunos, ainda que de forma anónima. A autora acrescenta que foi possível observar que os alunos vítimas se vão sentido mais "reconfortados" à medida que vão respondendo ao questionário e mesmo que comecem por referir que não vivem situações de maus-tratos sistemáticos, mais para o final do questionário revelam a sua situação.

Com o intuito de avaliar a autoestima dos adolescentes em estudo, foi utilizada a escala de Autoestima de Rosenberg, denominada originalmente por *Rosenberg Self-esteem Scale* (RSES) e adaptada para a população portuguesa, por Santos e Maia (2003). Esta escala é constituída por 10 itens, 5 de orientação positiva e 5 de orientação negativa, sendo utilizada como uma escala *Likert*, com 4 opções de resposta (discordo totalmente, discordo, concordo e concordo totalmente). No estudo efetuado por Santos e Maia (2003) com o intuito de traduzir para a língua portuguesa e adaptar a RSES à faixa etária da adolescência, foi possível verificar que as correlações entre os itens obtiveram uma correlação média de 0,38, sendo este um valor aceitável para uma escala com as características da escala em questão. As correlações corrigidas entre os itens e o resultado global da escala obteve uma correlação média de 0,57. Os autores referem ainda que o valor da consistência interna, avaliada com o *alfa* de *cronbach*, situa-se acima do padrão recomendado por Nunnally e Bernstein (1994), sendo de 0,86. Importa ainda referir que a análise confirmatória efetuada pelos mesmos autores sugere que esta escala avalia um constructo unidimensional, sendo que os resultados obtidos neste estudo sustentam a validade e a fidelidade dos resultados obtidos com a escala.

Análise dos Dados

Após a recolha dos dados, estes foram analisados através do programa estatístico IBM SPSS versão 22, uma vez que o presente estudo seguiu uma metodologia quantitativa. Com o intuito de caracterizar a amostra, descrevendo assim as características sociodemográficas da população-alvo, foi utilizada a estatística descritiva. Para a seleção dos testes estatísticos apropriados para a análise de dados, nomeadamente testes paramétricos ou testes não paramétricos, foi realizada uma análise exploratória de dados. Contudo, é necessário considerar alguns pressupostos para que se possam utilizar os testes paramétricos, tais como as variáveis serem intervalares, os dados apresentarem uma distribuição normal e, na comparação de grupos, existir

homogeneidade das variâncias (Martins, 2011). Foi realizado o teste de *Kolmogorov-Smirnov* para testar a aderência à normalidade das variáveis, verificando-se que a amostra segue uma distribuição normal ($p < 0.05$). Uma vez que se verificou que a distribuição é normal, utilizaram-se testes paramétricos para análise de dados.

Apresentação e Discussão dos Resultados

De modo a testar a hipótese 1 (os comportamentos de *bullying* estão mais presentes nos rapazes), foi realizado o teste *T de Student*. Concluiu-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os géneros relativamente aos comportamentos de vitimização [$t(246)=0.881, p > .05$] e comportamentos de agressão [$t(246)=0.912, p > .05$]. No entanto, é visível que as raparigas estão mais envolvidas nos comportamentos de agressão e vitimização do que os rapazes. Desta forma, não foi possível confirmar a hipótese. Na literatura encontram-se estudos cujos resultados demonstram que os rapazes estão mais envolvidos em comportamentos de agressão (Due & col. 2015) e de vitimização (Due & col. 2015; Santos & col. 2014), o que não acontece no presente estudo.

Quadro 2. Resultados do teste *T de Student* (N=248)

	Feminino (n=133)		Masculino (n=115)		Inferência estatística		
	M	DP	M	DP	t	Gl	p
Vitimização	1.40	2.01	1.17	2.12	0.881	246	0.379
Agressão	24.66	5.41	24.01	5.84	0.912	246	0.362

Para verificar a hipótese 2 (os rapazes recorrem mais ao *bullying* físico), utilizou-se o teste *T de Student*. Os resultados permitem-nos afirmar que não existem diferenças estatisticamente significativas [$t(246)=0.511, p > .05$], entre os rapazes (M=11.16; DP=2.71) e as raparigas (M=11.33; DP=2.39). No entanto, percebe-se que as raparigas recorrerem mais ao *bullying* físico do que os rapazes. Embora na literatura se encontre autores (Lourenço & col. 2009; Smith, 2004) que afirmam que os rapazes recorrem mais ao *bullying* físico do que as raparigas, no presente estudo essa diferença não foi encontrada.

Quadro 3. Resultados do teste *T de Student* (N=248)

	Feminino (n=133)		Masculino (n=115)		Inferência estatística		
	M	DP	M	DP	t	gl	p
<i>Bullying</i> Físico	11.33	2.39	11.16	2.71	0.511	246	0.610

Relativamente à hipótese 3, referente à relação existente entre a vitimização e a idade, utilizou-se o teste de Correlação de *Pearson*. Os resultados demonstram que não existe correlação significativa entre estas variáveis ($r=-0.12$; $n=248$; $p>.05$). De acordo com Smith (2004), Carvalhosa, Lima e Matos (2002) e Gonçalves (2009), a vitimização diminui à medida que a idade aumenta. É possível verificar que existe uma tendência de resposta semelhante à dos estudos encontrados, que demonstram que à medida que a idade aumenta a vitimização diminui.

Quadro 4. Resultados do teste de correlação de *Pearson* (N=248)

	Idade
Vitimização	-0.12

*Correlação significativa ao nível 0.05.

**Correlação significativa ao nível 0.01.

Para testar a hipótese 4 (espera-se que os comportamentos de vitimização e de agressão diminuam à medida que a escolaridade aumenta) utilizou-se o teste de Correlação de *Pearson*. Verificou-se que não existe uma correlação significativa entre a vitimização e a escolaridade ($r=-0.092$; $n=248$; $p>.05$), nem entre a agressão e a escolaridade ($r=0.103$; $n=248$; $p>.05$). Embora não tenha sido encontrada uma correlação significativa, verifica-se uma sublimada tendência para que a vitimização diminua à medida que a escolaridade aumenta, o que vai ao encontro do que Martins (2005) refere. No entanto os resultados alcançados não confirmam a hipótese. Importa referir que é possível verificar que os comportamentos de vitimização são mais frequentes no 7º ano e os de agressão no 8º ano, ainda que não existam diferenças estatisticamente significativas.

Quadro 5. Resultados do teste de correlação de *Pearson* (N=248)

	Escolaridade
Vitimização	-0.092
Agressão	0.103

*Correlação significativa ao nível 0.05.

**Correlação significativa ao nível 0.01.

De modo a testar a hipótese 5 (espera-se que não existam diferenças entre a escola pública e a escola privada em relação à incidência da vitimização) utilizou-se o teste *T de Student*. Analisando os resultados, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a escola pública e a privada em relação à incidência da vitimização [$t(248)=0.170$; $p>.05$]. Todavia, a incidência da vitimização, ainda que com pouca diferença, é maior na escola privada. Os resultados permitem-nos afirmar que se confirmou a hipótese, uma vez que corroboram os resultados dos estudos de Garaigodobil e col. (2015), Oliveira e col. (2015) e Gomes e col. (2006), que indicam que a vitimização ocorre da mesma forma em escolas públicas e privadas.

Quadro 6. Resultados do teste *T de Student* (N=248)

	Escola Pública (n=176)		Escola Privada (n=72)		Inferência estatística		
	M	DP	M	DP	t	gl	p
Vitimização	1.28	2.07	1.33	2.05	0.170	246	0.865

No que concerne à hipótese 6 (espera-se que na escola pública o tipo de *bullying* mais frequente seja o *bullying* físico), utilizando o teste *T de Student*, foi possível verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os tipos de escola e o *bullying* físico [$t(246)=0.314$; $p>.05$]. Analisou-se ainda se existem diferenças em relação ao *bullying* psicológico, no qual não foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas [$t(246)=0.226$; $p>.05$]. No entanto, verifica-se que o *bullying* físico e psicológico está mais frequente na escola privada, ainda que com pouca diferença. Os resultados obtidos não vão ao encontro dos resultados que Njaine & Minayo (2003) alcançaram.

Quadro 7. Resultados do teste *t de Student* (N=248)

	Escola Pública (n=176)		Escola Privada (n=72)		Inferência estatística		
	M	DP	M	DP	t	gl	p
<i>Bullying</i> Físico	11.26	2.70	11.33	2.10	0.314	246	0.754
<i>Bullying</i> Psicológico	11.11	2.70	11.19	2.12	0.226	246	0.821

Para testar a hipótese 7 (espera-se que as vítimas apresentem uma baixa autoestima), foi utilizado o teste de correlação de *Pearson* com o objetivo de verificar se a autoestima se relaciona com o facto de ser vítima de *bullying*. Os resultados permitem afirmar que não existe correlação significativa entre a autoestima e o ser vítima de *bullying* ($r=-0.09$; $n=248$; $p>.05$). No entanto, é visível uma tendência para a existência de uma correlação negativa entre a autoestima e a vitimização. Ou seja, à medida que a vitimização aumenta a autoestima das vítimas diminui. Assim, embora a hipótese 7 não seja confirmada, uma vez que estes resultados não entram em concordância com o que Perce e Thompson (1998) afirmam, os resultados apresentam a mesma tendência de resposta.

Quadro 8. Resultados do teste de correlação de *Pearson* (N=248)

	Autoestima
Vitimização	-0.09

*Correlação significativa ao nível 0.05.

**Correlação significativa ao nível 0.01.

Utilizando o teste de correlação de *Pearson* foi possível analisar a hipótese 8 (espera-se que os agressores tenham mais amigos do que as vítimas). Assim, verificou-se que não existe correlação significativa entre a vitimização e o número de amigos ($r=-0.12$; $n=248$; $p>.05$). Embora não seja uma correlação significativa percebe-se uma tendência para que o número de amigos diminua à medida que a vitimização aumenta. Relativamente ao número de amigos e os comportamentos de agressão, percebe-se que existe uma correlação positiva muito baixa, parcialmente significativa ($r=0.118$; $n=248$; $p>.05$) entre estas variáveis, permitindo-nos afirmar que os agressores tendem a ter mais amigos quanto mais agrirem. Este aspeto pode ser explicado pelo facto dos alunos agressores serem populares entre outros alunos igualmente agressivos, apresentando um

maior número de amigos do que as vítimas (Perce & Thompson, 1998). Martins e Chicote (2009) descrevem o agressor como sendo caracteristicamente popular.

Quadro 9. Resultados do teste de Correlação de Pearson (N=248)

	Número de amigos
Vitimização	-0.012
Agressão	0.118

*Correlação significativa ao nível 0.05.

**Correlação significativa ao nível 0.01.

Relativamente à hipótese 9 (espera-se que o recreio seja o local mais frequente de ocorrência de agressões) referente ao local mais frequente de ocorrência de agressões, os resultados foram analisados através das frequências descritivas, tendo em consideração a forma como a questão foi formulada. Analisando as respostas aos comportamentos de vitimização, testemunhas e agressão. Assim, dos 59 (23.8%) alunos que afirmam sofrer de algum tipo de violência, 25 (10.1%) referiram o recreio como o local mais frequente da ocorrência das agressões, seguidos de 10 (4%) que escolheram a opção “outra”. Nas testemunhas, responderam 124 alunos (50%), sendo que 66 (26.6%) afirmaram que era no recreio que viam mais agressões e 14 (5.6%) alunos responderam “outra”. Para além destes dois que se destacam, 10 (4%) alunos afirmaram que assistiam a comportamentos de *bullying* tanto no recreio como nos corredores e escadas. Relativamente aos comportamentos de agressão, 64 (25.8%) alunos relataram ter praticado comportamentos desta índole, 31 (12.5%) afirmaram ser no recreio que praticaram as ações, e 15 (6%) assinalaram a opção “outra”. Desta forma, é visível que o recreio é o local onde mais ocorrem comportamentos de *bullying*, confirmando assim a hipótese. Importa alertar para o facto de, provavelmente, o recreio ser o local onde mais ocorrem agressões devido à falta de vigilância e, desta forma, maior facilidade por parte dos agressores em realizar as ações.

Analisando os resultados percebe-se que a maioria se apresenta no sentido oposto daquilo que é encontrado na literatura. Este facto pode ser justificado com base nas diferenças culturais, sociais, de valores ou de localização que possam existir comparativamente aos estudos analisados.

Conclusão

O *bullying* é uma forma de agressão entre pares (APAV, 2015), que pode existir em qualquer contexto escolar (Lopes Neto, 2007). A caracterização do *bullying*, tendo em conta o género, idade, escolaridade e local de ocorrência é importante, uma vez que permite uma prevenção mais eficaz deste fenómeno. Na revisão de literatura encontraram-se estudos com o objetivo de caracterizar este fenómeno. Os estudos direcionados para as diferenças de género demonstram que os rapazes estão mais envolvidos nos comportamentos de *bullying* (Due & col. 2005), recorrendo mais ao *bullying* físico do que as raparigas (Lourenço & col. 2009; Smith, 2004). percebe-se que os alunos mais novos estão mais envolvidos nos comportamentos de vitimização (Smith, 2010; Carvalhosa, Lima & Matos, 2002; Gonçalves, 2009), e que os comportamentos de vitimização e de agressão diminuem à medida que a escolaridade aumenta (Martins, 2005). No que concerne ao local de ocorrência de *bullying*, estes comportamentos estão mais presentes no recreio (Silva & col. 2012; Lourenço & col. 2009; Adão, 2015). De acordo com Santos e col. (2014) o *bullying* pode levar a consequências graves nos diferentes envolvidos, o que demonstra a importância de analisar características dos mesmos. Para além do referido, existem autores que defendem que as vítimas apresentam uma baixa autoestima (Batsche & Knoff, 1994; João, 2008), exibindo dificuldades em estabelecer relações sociais (João, 2008). Perce e Thompson (1998) afirmam que os agressores apresentam um maior número de amigos do que as vítimas, justificando este facto pela popularidade dos mesmos junto de outros alunos igualmente agressores. Sabe-se que a violência escolar ocorre em todos os ambientes (Loureiro & Queiroz, 2005). Posto isto, embora sejam contextos diferentes principalmente no que diz respeito à estrutura física e classe social, poderão surgir comportamentos de violência tanto em escolas privadas como em escolas públicas. Na literatura não são encontradas diferenças entre estes dois tipos de escolas no que concerne à incidência da vitimização (Garaigodobil & col. 2015; Oliveira & col. 2015; Gomes e col. 2006), no entanto, são visíveis diferenças no que concerne ao tipo de *bullying* mais frequente, estando o *bullying* físico mais frequente nas escolas públicas (Njaine & Minayo, 2003).

No presente estudo foi possível verificar que o *bullying* se manifesta da mesma forma na escola pública e privada, não havendo diferenças estatisticamente significativas relativamente à frequência da vitimização. Concluiu-se ainda que o *bullying* não varia consoante o género, idade, escolaridade, autoestima e o número de

amigos. Todavia percebe-se uma tendência para a diminuição da vitimização à medida que a idade aumenta e ainda o aumento de amigos à medida que a agressão aumenta. Os resultados não nos permitem afirmar que as vítimas têm uma baixa autoestima, no entanto é visível uma tendência para que a diminuição da autoestima ocorra à medida que a vitimização aumenta. No que concerne ao local de frequência do *bullying*, é visível que o recreio é o local onde mais ocorrem comportamentos de *bullying*, o que leva à necessidade de reforçar a vigilância nos recreios de modo a evitar os comportamentos de *bullying*.

Analisando o presente estudo importa referir as limitações encontradas. Primeiramente, o facto de a amostra ser constituída por alunos do 3º ciclo, com idades cujo interesse pelo preenchimento de questionários acerca de várias temáticas nem sempre existe, podia ter levado a que os alunos respondessem por brincadeira, pondo assim em causa a veracidade das respostas. Para além da idade, as condições de aplicação dos questionários também podem ter influenciado os resultados, É importante que, para além do anonimato, seja garantida a privacidade aos alunos. O facto de terem o colega sentado ao seu lado numa posição na qual, possivelmente permitisse ler as suas respostas, podia ter feito com que o aluno não se sentisse à vontade para ser completamente sincero. Outro aspeto importante a realçar é a diferença existente entre o número de alunos da escola pública (176) e da escola privada (72), que dá origem a uma diferença de 104 alunos. Seria importante que o número de alunos dos dois tipos de escolas fosse semelhante, para que a comparação entre escolas fosse realizada de forma equitativa. Apesar dos esforços realizados a fim de contornar esse aspeto, não nos foi possível aceder a uma escola privada que aceitasse participar no estudo.

Julga-se ainda pertinente realçar a inexistência de instrumentos adequados à população portuguesa na faixa etária do 3º ciclo. No que concerne ao Questionário para o estudo da violência entre pares, percebe-se a necessidade de testar a validade do instrumento. Sentiu-se a necessidade de utilizar um instrumento que englobasse todos os aspetos que o *bullying* abrange. No momento da escolha do instrumento a utilizar, consideraram-se os itens bastante perceptíveis para os alunos, permitindo uma maior facilidade na identificação de situações, considerando-o adequado ao estudo. Posteriormente percebeu-se que não foi o instrumento mais adequado devido à falta de abrangência ou facilidade de análise estatística.

Após realização de uma exaustiva revisão de literatura considera-se que ainda existe uma falta de estudos acerca do *bullying* em Portugal e, conseqüentemente, a falta

de instrumentos adequados para estudar este tema. Considera-se importante e essencial realizar estudos neste âmbito em Portugal e ainda a contextualização desta problemática, de modo a que se consiga intervir de forma adequada e preventiva, ao invés de remediativamente.

Em estudos futuros, considera-se pertinente comparar, não só os dois tipos de escolas (pública e privada) como também comparar o contexto rural e o contexto urbano, tendo em conta que são dois contextos geográficos diferentes que remetem para formas de organização social, cultural e modos de vida distintos (Rodrigues, 2014). Para além disso sugere-se também a realização de estudos em vários momentos do ano letivo (1º período, 2º período e 3º período), de modo a averiguar se existe algum momento em que os comportamentos de *bullying* se manifestam mais intensamente. Seria benéfico ainda, tendo em conta que o *bullying* pode iniciar-se no ensino primário (Pepler & col. 2008), a realização de estudos que englobem o 1º ciclo. Por fim, seria importante fazer estudos com o objetivo de caracterizar o *bullying* nas escolas alvo, de modo a promover a prevenção deste fenómeno.

Relembra-se que os resultados obtidos permitem perceber que 124 alunos, que corresponde a 50% da amostra afirmou observar comportamentos de *bullying*, sendo que 59 alunos (23.8%) referiu já ter sofrido agressões e 64 (25.8%) admitiram já ter praticado comportamentos de agressão. Assim, considera-se importante a realização de programas de prevenção de comportamentos de *bullying*, devendo estes dirigir-se mais às escolas/turmas do que simplesmente aos alunos considerados vítimas e/ou agressores (Martins, 2005). No presente estudo concluiu-se que o local mais frequente da ocorrência dos comportamentos de *bullying* é o recreio, seguido dos corredores e escadas. Tendo em conta este aspeto, os programas realizados devem envolver, não só os alunos, como também os pais, professores e funcionários, de modo a que se consiga uma maior prevenção (Lopes Neto, 2005).

Terminado o estudo, aceitando todos os resultados obtidos, bem como as suas limitações, considera-se que este foi um pequeno, mas positivo contributo para a investigação sobre o tema do *Bullying* em Portugal, ao qual se pretende dar continuidade no futuro.

Referências Bibliográficas

- Adão, P. J. C. S. (2015). “O bullying na escola”, Estudo comparativo entre duas populações escolares, 3º Ciclo e Secundário. Tese de Mestrado. Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. Estatísticas APAV: Relatório Anual 2016. Disponível em: https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_Relatorio_Anual_2016.pdf
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2015). Disponível em: http://www.apav.pt/apav_v3/images/folhas_informativas/fi_bullying.pdf
- Ballone, G. J. & Moura, E. C. (2008). *Maldade da Infância e Adolescência: Bullying* - in. PsiqWeb, Internet, disponível em www.psiqweb.med.br.
- Batsche, G. M., & Knoff, H. M. (1994). Bullies and their victims: understanding a pervasive problem in the schools. *School Psychological Review*, 23, 165-175.
- Boulton, M. J. & Smith, P. K. (1994). Bully victim problems in middle-school children: stability, self-perceived competence, peer perceptions and peer acceptance. *British Journal of Developmental Psychology*, 12: 315-329.
- Campbell, M. A. (2004). School victims: an analysis of ‘my worst experience in school’ scale. In E. McWilliam, S. Danby, & J. Knight (Eds.), *Performing Educational Research: Theories, Methods and Practices*, 1-27. Flaxton, Australia: Post Pressed Flaxton.
- Carlos, J. P. C. S. (2015). Bullying na adolescência: perfil psicológico dos agressores, vítimas e observadores. Universidade de Lisboa.
- Carvalho, M. P. L. (2010). O Combate ao *stalking* em Portugal: contributos para a definição de um protocolo de intervenção policial. Tese de Mestrado.
- Carvalhosa, A. F., Lima, L. & Matos, M. G. (2002). A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, 4(20): 571-585.
- Carvalhosa, S. F. (2007). O Bullying nas escolas portuguesas. Seminário “Bullying, Violência e Agressividade em Contexto Escolar.
- Costa, P., Pinto, J., Pereira, H. & Pereira, B. (2015). Bullying genérico e homofóbico no contexto escolar. *Psychology, Community & Health*, 4(3): 145–155. doi:10.5964/pch.v4i3.122
- Due, P., Holstein, B. E., Lynch, J., Diderichsen, F., Gabhain, S. N., & Scheidt, P. (2005). Bullying and symptoms among school-aged children: International

- comparative cross sectional study in 28 countries. *European Journal of Public Health*, 15(2): 128-132.
- Félix, A. C. M. (2013). Bullying em contexto escolar – Um estudo de caso. Tese de Mestrado. Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro
- Forlim, B. G., Stelko-Pereira, A. C. & William, L. C. A. (2014). Relação entre bullying e sintomas depressivos em estudantes do ensino fundamental. *Estudos de Psicologia*, 31(3): 367-375.
- Freire, I. P., Veiga Simão, A. M. & Ferreira, A. S. (2006). O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico — um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, 19(2):157-183.
- Garaigordobil, M., Martínez-Valderrey, V., Páez, D. & Cardozo, G. (2015). Bullying y cyberbullying: diferencias entre colegios públicos-privados y religiosos-laicos. *Pensamiento Psicológico*, 13(1): 39-52. doi:10.11144.
- Gomes, C. A., Valenzuela, C., Silva, C. N. N., Portugal, E. A., Amorim, H. C. C., Paim, J., Tanno, M. A. R. S. & Morgado, P. C. C. R. (2006). A violência na ótica de alunos adolescentes do Distrito Federal. *Cadernos de Pesquisa*, 36(127).
- Gonçalves, A. P. F. C. R. (2009). Vítimas e Agressores de Bullying Escolar. Tese de Mestrado. Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Hutz, C. S. & Zanon, Cristian. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de Autoestima de Rosenberg. *Avaliação Psicológica*, 10(1):41-49.
- João, A. L. (2008). Bullying: comportamento agressivo entre pares a nível escolar. *Revista de Psicologia*, 1:133-140. ISSN: 0214-9877.
- Lopes Neto, A. A. (2005). Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*. 81(5 Supl): S164-S172.
- Lopes Neto, A. A. (2007). Bullying. *Adolescência & Saúde*, 4(3): 51-55.
- Loureiro, A. C. A. M. & Queiroz, S. S. (2005). A Concepção de Violência Segundo Atores do Cotidiano de Uma Escola Particular – Uma Análise Psicológica. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 25(4): 546- 557.
- Lourenço, B. P., Pereira, B., Paiva, D. P. & Gebara, C. (2009). A gestão educacional e o bullying: um estudo em escolas portuguesas. *Interações*, 13:208-228.
- Malta, D. C., Pradol, R. R., Dias, A. J. R., Mello, F. C. M., Silva, M. A. E., Costa, M. R. & Caiaffa, W. T. (2014). Bullying e fatores associados em adolescentes brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). *Revista Brasileira de Epidemiologia SUPPL PeNSE*. 131-145

- Martins, M. (2005a). Agressão e vitimação entre adolescentes em contexto escolar: Um estudo empírico. *Análise Psicológica*, 4 (23): 401-425.
- Martins, M. S. A. & Chicote, I. P. M. (2009). Bullying: o pesadelo das escolas. *Nucleus*, 6(2).
- Melim, F. M. O. (2011). Na escola, tu és feliz? Estudo sobre as manifestações e implicações do bullying escolar. Universidade do Minho
- Neves, N. V. (2015). Participantes do Bullying, Criatividade e Inteligência. Tese de Mestrado. Universidade da Madeira
- Njaine, K. & Minayo, M. C. S. 2003. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 7(13): 119-34.
- Nóbrega, F. P. A. (2015). Bullying, Envolvimento Parental e Percurso Curricular Um estudo com alunos do 3º ciclo numa escola rural da Região Autónoma da Madeira. Tese de Mestrado. Universidade da Madeira
- Oliveira, W. A., Silva, M. A. I., Mello, F. C. M., Porto, D. L., Yoshinaga, A. C. M. & Malta, D. B. (2015). Causas do bullying: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 23(2):275-82. DOI: 10.1590/0104-1169.0022.2552
- Olweus, D. (1997). Bully/victim problems in school: facts and intervention. *European Journal of Psychology of Education*, 12 (4): 495-511.
- Olweus, D. (2003). A profile of bullying at school. *Educational Leadership*, 60: 12-17. Disponível em <http://www.ascd.org/publications/educational-leadership/mar03/vol60/num06/AProfile-of-Bullying-at-School.aspx>
- Perce, J. B. & Thompson, A. E. (1998). Practical approaches to reduce the impact of bullying. *Archives of Disease in Childhood*, 79: 528-531.
- Rodrigues, J.F. (2014). O rural e o urbano no Brasil: uma proposta de metodologia de classificação dos municípios. *Análise Social*, 211(2):430-56.
- Santos, A. M., Grossi, P. K. & Scherer, P. T. (2014). Bullying nas escolas: a metodologia dos círculos restaurativos. *Educação (Porto Alegre, impresso)*, 37(2):278-287.
- Santos, J. A., Cabral-Xavier, A. F., Paiva, S. M. & Leite-Cavalcantil, A. (2014). Prevalência e tipos de bullying em escolares brasileiros de 13 a 17 anos. *Revista de salud pública*, 16(2): 173-183.

- Santos, P. J., & Maia, J. (2003). Análise factorial confirmatória e validação preliminar de uma versão portuguesa da Escala de Auto-Estima de Rosenberg. *Psicologia: Teoria, Investigação, Prática*, 8, 253-268.
- Seixas, S. R. (2009). Diferenças de género nos comportamentos de bullying: contributos da neurobiologia. *Interações*, 3: 63-97.
- Silva, C. E. S., Oliveira, R. V., Bandeira, D. R. & Souza, D. O. (2012). Violência entre pares: um estudo de caso numa escola pública de Esteio/RS. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP*, 16(1):83-93.
- Silva, F., Dascanio, D. & Vale, T. G. M. (2016). O fenómeno bullying: diferenças entre meninos e meninas. *Revista Reflexão e Ação*, 24(1):26-46.
- Smith, P. (2010). Bullying in Primary and Secondary Schools – Psychological and Organizational Comparisons. In S. Jimerson, S. Swearer, & D. Espelage (Eds.), *Handbook of Bullying in Schools – An International Perspective*, 137-150. New York. Routledge.
- Smith, P.K. (2004). Bullying: recent developments. *Child and Adolescent Mental Health*, 9: 98-103
- Spriggs, M. A., Iannotti, R. J., Nansel, T. R., & Haynie, D. L. (2007). Adolescent bullying involvement and perceived family, peer and school relations: commonalities and differences across race/ethnicity. *Journal of Adolescent Health*, 41: 283-2934.
- Zequinão, M. A., Medeiros, P., Pereira, B. & Cardoso, F. L. (2016). *Bullying escolar: um fenómeno multifacetado. Educação e Pesquisa*, 42(1):181-198. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201603138354>

ANEXO I



Questionário Sócio demográfico

Olá! Com este inquérito pretendemos perceber de que forma o *Bullying* se manifesta na tua escola. Para começar pedimos-te que preenchas os campos abaixo indicados, de modo a que possamos ter acesso a alguns dos teus dados pessoais.

Idade: _____

Género: Feminino _____ Masculino _____

Ano de escolaridade: _____

O que é para ti um amigo? _____

Quantos amigos tens? 1) menos ou igual a 2 _____

2) entre 3 a 5 _____

3) mais do que 5 _____

Onde nasceste? _____

Qual a tua nacionalidade? _____

Desde que idade te encontras em Portugal? _____

ANEXO II



BRAGA

Este questionário destina-se a recolher opiniões dos estudantes acerca de alguns aspectos da sua vida escolar. É anónimo e a informação recolhida através dele é absolutamente confidencial.

A tua colaboração sincera é fundamental para o estudo e compreensão das relações humanas na escola. Muito obrigado pela tua colaboração.

- C. 1. Nas duas últimas semanas sentiste-te alguma vez vítima de alguma ou algumas das agressões que a seguir se referem, por parte de colegas, ou por outras pessoas, na escola ou nas suas imediações?
(Assinala com uma cruz nos quadrados que correspondem às situações de que foste vítima).

- 1.1. Empurraram-te, com violência
 1 Sim 2 Não
- 1.2. Ameaçaram-te
 1 Sim 2 Não
- 1.3. Gozaram-te/humilharam-te
 1 Sim 2 Não
- 1.4. Bateram-te
 1 Sim 2 Não
- 1.5. Chamaram-te nomes ofensivos
 1 Sim 2 Não
- 1.6. Levantaram calúnias/rumores a teu respeito (disseram coisas más de ti ou da tua família)
 1 Sim 2 Não
- 1.7. Excluíram-te do grupo (não quiseram conviver contigo)
 1 Sim 2 Não
- 1.8. Tiraram-te coisas (objectos pessoais, dinheiro, ...)
 1 Sim 2 Não
- 1.9. Magoaram-te, de propósito (beliscaram-te com força; picaram-te com objectos, ...)
 1 Sim 2 Não
- 1.10. Estragaram-te objectos pessoais ou vestuário, de propósito
 1 Sim 2 Não
- 1.11. Apalparam-te, contra a tua vontade
 1 Sim 2 Não
- 1.12. Fizeram intrigas a teu respeito
 1 Sim 2 Não
- 1.13. Outras agressões ou perseguições
 1 Sim 2 Não

Quais? _____

2. Quantas vezes foste agredido ou perseguido neste período de tempo?

1	1 vez
2	2 vezes
3	3 vezes
4	mais de 3 vezes

3. Em que local ou locais ocorreram essas situações?

1	sala de aula
2	recreio
3	corredores e escadas
4	refeitório
5	espaços de Educação Física (balneários, pavilhão, ...)
6	casa de banho
7	imediações da escola
8	outra

Qual? _____



4. Nessas situações, foste agredido ou perseguido por:

1	1 pessoa
2	2 pessoas
3	grupo de pessoas

5. Essas pessoas eram colegas da tua escola?

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

6. Alguma dessas pessoas ou desses grupos te agrediu ou perseguiu mais do que uma vez nessas semanas?

1	não
2	sim; 2 vezes
3	sim; 3 vezes
4	sim; mais de 3 vezes

6.1. Se sim, ainda continues a ser agredido ou perseguido por essa(s) pessoa(s)?

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

6.2. A(s) pessoa(s) que te agrediram era(m):

1	do género masculino
2	do género feminino

1	mais velhos
2	mais novos
3	da mesma idade

1	da tua turma
2	de outra turma do mesmo ano
3	de outra turma de outro ano

7. Alguém presenciou essa(s) situação(ões)?

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

8. Se sim, o que fizeram as pessoas que presenciaram?

1	Não fizeram nada
2	Fugiram/tiveram medo
3	Recorreram a um adulto
4	Pediram ao agressor para parar
5	Aproximaram-se para ver
6	Apoiaram o agressor
7	Aconselharam a afastar-se do agressor
8	Riram-se da situação
9	Apoiaram o agredido
10	Outra

Qual? _____



D. 1. Durante as duas últimas semanas, viste alguém ser vítima de alguma ou algumas das agressões que a seguir se referem, por parte de colegas, ou por outras pessoas, na escola ou nas suas imediações?
(Assinala com uma cruz nos quadrados que correspondem às situações que observaste).

- 1.1. Empurrar com violência
 1 Sim 2 Não
- 1.2. Ameaçar
 1 Sim 2 Não
- 1.3. Gozar/humilhar
 1 Sim 2 Não
- 1.4. Bater
 1 Sim 2 Não
- 1.5. Chamar nomes ofensivos
 1 Sim 2 Não
- 1.6. Levantar calúnias/rumores (dizer coisas más de alguém ou da sua família)
 1 Sim 2 Não
- 1.7. Excluir do grupo (não querer conviver com alguém)
 1 Sim 2 Não
- 1.8. Tirar coisas (objectos pessoais, dinheiro, ...)
 1 Sim 2 Não
- 1.9. Magoar de propósito (beliscaram com força; picaram com objectos, ...)
 1 Sim 2 Não
- 1.10. Estragar objectos pessoais ou vestuário, de propósito
 1 Sim 2 Não
- 1.11. Apalpar contra a vontade da pessoa
 1 Sim 2 Não
- 1.12. Fazer intrigas
 1 Sim 2 Não
- 1.13. Outras agressões ou perseguições
 1 Sim 2 Não

Quais? _____

2. O que fizeste?/ Que atitude tomaste?

1	Não fiz nada
2	Fugii/tive medo
3	Recorri a um adulto
4	Pedi ao agressor para parar
5	Aproximei-me para ver
6	Apoiei o agressor
7	Aconselhei-a a afastar-se do agressor
8	Ri-me da situação
9	Apoiei o agredido
10	Outra

Qual? _____



3. Onde ocorreram essas situações?

1	sala de aula
2	recreio
3	corredores e escadas
4	refeitório
5	espaços de Educação Física : (balneários, pavilhão,)
6	casa de banho
7	imediações da escola
8	outra

Qual? _____

E. 1. Nas duas últimas semanas tiveste para com algum colega, na escola ou nas suas imediações, alguma das atitudes ou comportamentos que a seguir se referem?
(Assinala com uma cruz nos quadrados que correspondem aos comportamentos ou atitudes que tiveste).

1.1. Empurrar com violência

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.2. Ameaçar

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.3. Gozar/humilhar

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.4. Bater

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.5. Chamar nomes ofensivos

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.6. Levantar calúnias/rumores (dizer coisas más de alguém ou da sua família)

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.7. Excluir do grupo (não querer conviver com alguém)

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.8. Tirar coisas (objectos pessoais, dinheiro, ...)

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.9. Magoar de propósito (beliscaram com força; picaram com objectos, ...)

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.10. Estragar objectos pessoais ou vestuário, de propósito

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.11. Apalpar contra a vontade da pessoa

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.12. Fazer intrigas

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

1.13. Outras agressões ou perseguições

1	Sim	2	Não
---	-----	---	-----

Quais? _____

2. Quantas vezes praticas-te estas acções durante este período de tempo?

1	1 vez
2	2 vezes
3	3 vezes
4	mais de 3 vezes

Questionário p/a o estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – aferido para a população portuguesa

Freire, I. e Veiga Simão, A.M. (2005)



3. Em que local ocorreram essas situações?

1	sala de aula
2	recreio
3	corredores e escadas
4	refeitiório
5	espaços de Educação Física (balneários, pavilhão, ...)
6	casa de banho
7	imediações da escola
8	outra

Qual? _____

4. Estas acções foram praticadas em grupo com outros colegas ou sozinho?

1	sozinho
2	em grupo

5. Ao longo destas duas semanas, agrediste ou perseguiste algum dos teus colegas mais do que uma vez?

1	não
2	sim; 2 vezes
3	sim, 3 vezes
4	sim; mais de 3 vezes

6. Ainda continuas a agredir ou a perseguir algum desses colegas?

1	Sim
2	Não

7. Na tua opinião, quais as razões que levam a que tenhas estes comportamentos?

1	vingança
2	defesa de outros colegas
3	desprezo
4	"brincadeira"
5	reação a provocações
6	irritação
7	outra

Qual? _____

8. O que sentes pelos colegas que agrides ou persegues na escola?

1	raiva
2	desprezo
3	pena
4	carinho
5	nada
6	outra

Qual? _____

9. A(s) pessoa(s) que agrediste ou perseguiste era(m):

1	do género masculino
2	do género feminino

1	mais velhos
2	mais novos
3	da mesma idade

1	da tua turma
2	de outra turma do mesmo ano
3	de outra turma de outro ano



10. Alguém presenciou essa(s) situação(ões)?

1 Sim 2 Não

10.1. Se sim, o que fizeram as pessoas que presenciaram?

1	Não fizeram nada
2	Fugiram/tiveram medo
3	Recorreram a um adulto
4	Pediram ao agressor para parar
5	Aproximaram-se para ver
6	Apoiaram o agressor
7	Aconselharam a afastar-se do agressor
8	Riram-se da situação
9	Apoiaram o agredido
10	Outra

Qual? _____

11. Foste castigado por causa dessa ou dessas situações?

1 Sim 2 Não

Se sim, qual foi o castigo? _____

12. Já alguém te ajudou a modificar o teu comportamento?

1 Sim 2 Não

Se sim, quem? _____

13.1. Gostarias de ter um comportamento diferente com os teus colegas?

1 Sim 2 Não

13.2. Porquê?

14. Se sim, o que já fizeste para mudar o teu comportamento?

1	não reagir às provocações
2	controlar-me melhor
3	conviver mais com os colegas
4	conviver menos com os colegas
5	nada
6	outro

Qual? _____

F. 1. O que pensas acerca do problema da agressividade na escola?

Questionário p/a o estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – aferido para a população portuguesa

Freire, I. e Veiga Simão, A.M. (2005)



2. Consideras-te vítima da agressão ou perseguição de outros na escola?

1 Sim

2 Não

Se respondeste não passa à pergunta 3.

2.1. O que sentes quando te agridem ou perseguem?

2.2. A que razões atribuis essas situações?

2.3. O que fazes quando te sentes agredido (a) ou perseguido(a) por alguém na escola?

2.4.1. Já pediste ajuda a alguém para ultrapassar este problema?

1 Sim

2 Não

2.4.2. Se sim, a quem?

3. Achas que os teus colegas te consideram uma pessoa agressiva?

1 Sim

2 Não

Porquê? _____

3.1. Concordas com a opinião dos teus colegas?

1 Sim

2 Não

Porquê? _____

H. 1. Qualquer outro aspecto que queiras referir acerca da tua vida escolar, podes escrever aqui.

ANEXO III



RSES

Segue-se uma lista de afirmações que dizem respeito ao modo como se sente acerca de si próprio(a). À frente de cada uma delas assinala com uma cruz (X), na respetiva coluna, a resposta que mais se lhe adequa.

	Concordo fortemente	Concordo	Discordo	Discordo fortemente
1. Globalmente, estou satisfeito(a) comigo próprio(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Por vezes penso que não sou bom/boa em nada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Sinto que tenho algumas qualidades.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Sou capaz de fazer as coisas tão bem como a maioria das pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Sinto que não tenho muito de que me orgulhar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Por vezes sinto-me, de facto, um(a) inútil.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Sinto-me uma pessoa de valor, pelo menos tanto quanto a generalidade das pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Gostaria de ter mais respeito por mim próprio(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Bem vistas as coisas, inclino-me a sentir que sou um(a) falhado(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Adopto uma atitude positiva para comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Autoria original de Morris Rosenberg.

Tradução supervisionada por Paulo Jorge Santos. Utilização exclusiva para investigação.